

**GRÉCIA : um país e um povo em luta pela sua dignidade e pelo seu futuro**

O Expresso on-line de 28.6.2015 noticiava (é apenas um ex.): “Se a meio da semana as instituições (a “troika”) exigiam uma taxa de 23% para todos os bens e serviços (com exceção de uma de 6% para medicamentos, livros e teatro), agora a troika aceita uma taxa intermédia de 13% em alimentos básicos, energia, água e hotéis, mantendo os 23% para a restauração”

A pergunta que naturalmente se coloca para reflexão é a seguinte: Como é que foi possível chegar a este grau de ingerência na vida interna de um país sem que isso provoque um protesto generalizado nos países da U.E.? Como tudo isto se tornou “normal” e “natural”? Como foi possível que os eurocratas da Comissão Europeia, do BCE, do FMI, etc., se arroguem no direito de interferir desta maneira na vida dos países? Como é possível, face à posição de resistência do governo grego, que a diretora do FMI tenha o desplante de acusar o governo grego de “falta de maturidade”? Que Durão Barroso, ex-presidente da CE, diga que “tem falta de experiência”? E que perante tudo isto, Cavaco Silva apenas considere a Grécia como um simples número, pois se sair do euro, o número de países passa de 19 para 18; que Passos Coelho e a sua ministra das Finanças só tenha para dizer que “Portugal tem uma almofada financeira para enfrentar a turbulência da saída da Grécia da zona do euro”. E que os media em Portugal e, nomeadamente, a maioria dos seus “comentadores” se unam numa santa aliança para desacreditar o governo grego, e para convencer a opinião pública que tudo isso é “normal” e “natural”, acusando o governo grego de “não ter juízo” ou de ter “várias caras”. chegando mesmo a escrever que Tsipras tem tido uma conduta errática porque a mulher o ameaçou com divórcio (*o Expresso têm-se destacado nessa campanha*). E por último a entrada na campanha pelo “sim” do presidente do Eurogrupo, da Holanda e do próprio BCE pela voz do impagável Vitor Constâncio. Para estes senhores tudo vale mesmo a interferência na vida interna de um país. Para estes senhores a soberania de um país e a dignidade de um povo são valores que já não existem (estão em desuso). Para eles a resistência do povo e do governo grego aos ditames de Bruxelas, é uma afronta porque lhes faz lembrar a indignidade da sua posição. Parafraseando a duquesa de Bragança, Luísa Gusmão, apetece dizer: *Melhor ser livre um dia, que andar de cócaras e ser submisso toda a vida”*.

*Contrariamente ao que afirmam o governo e o próprio presidente da República, não é verdade que Portugal não seria afetado com uma eventual saída da Grécia da Zona do euro. Apenas um ex. para provar isso. Como a experiência já mostrou as taxas de juro da dívida pública disparariam. A banca e os seguros que tem cerca de 70.000 milhões € de títulos de dívida, a maioria pública (Ativos para venda), sofreriam um forte “rombo”, porque a dívida pública sofreria uma forte desvalorização, tornando ainda mais difícil a situação destes setores. Recorde-se que na banca a redução da margem financeira causada pela redução do crédito tem sido, em parte, compensada pelas elevadas mais-valias obtidas pela venda da dívida pública (em 2014, mais de 2.000 milhões €), que passariam a ser menos-valias. As taxas de juro aumentariam tornando ainda mais difícil e caro a concessão de crédito à economia e o financiamento do Estado (atualmente Portugal já paga 8.000M€/ano de juros). Só a ignorância ou a intenção de enganar é que poderá fazer esquecer isto.*

**OS EFEITOS DESTRUTIVOS DA APLICAÇÃO DA POLITICA DA “TROIKA” NA GRÉCIA**

Mais de que quaisquer palavras, os dados oficiais do Eurostat referentes a Portugal e à Grécia, que permitem comparar a situação portuguesa, bem conhecida pelos portugueses, com a grega, dão uma ideia clara da devastação económica e social causada à Grécia pela política da “troika”.

**Quadro 1 – As consequências da política imposta pela “troika” em Portugal e na Grécia**

RÚBRICAS	PORTUGAL			GRÉCIA		
	2007	2014	Variação	2007	2014	Variação
PIB por habitante preços 2010	17.200 €	16.200 €	-5,8%	22.500 €	17.000 €	-24,4%
FBCF - % do PIB -INVESTIMENTO	22,5%	14,6%	-35,1%	25,6%	11,6%	-54,7%
Défice orçamental (2011/2014)	7,4%	4,5%	-39,2%	-10,2%	-3,5%	-65,7%
Taxa de desemprego-2007-2015	9,1%	13,0%	42,9%	8,4%	27,4%	226,2%
RNL disponível- mil Milhões €	137,3	133,4	-2,9%	188,1	136,7	-27,3%
Despesas consumo final-mil Milhões€	144,2	138,4	-4,0%	195	163	-16,4%
EMPREGO -Milhares (2007/14)	4.756	4.255	-10,5%	4.476	3.480	-22,3%
Pessoas ameaçadas de pobreza ou exclusão social-% população.	25,0%	27,5%	10,0%	28,3%	36,0%	27,2%
Pessoas em situação de privação material severa-% população	9,6%	10,6%	10,4%	11,5%	21,5%	87,0%

FONTE: Eurostat

No período 2007-2014, a riqueza (PIB) por habitante caiu em Portugal 5,8%, enquanto na Grécia caiu 4,2 vezes mais (-24,4%); o investimento diminuiu em Portugal 35,1%, mas na Grécia diminuiu 54,7% (passou de 25,6% do PIB para apenas 11,6%); o rendimento nacional líquido disponível teve em Portugal uma redução de 2,9%, mas na Grécia a redução atingiu 27,3%, ou seja, 9,4 vezes mais; a despesa de consumo em Portugal caiu 4% mas Grécia a queda foi de 16,4%, ou seja, quatro vezes mais. Entre 2007 e 2014, foi destruído em Portugal 10,5% do emprego, mas na Grécia atingiu 22,3%, ou seja mais do dobro. Entre 2007 e 2014, a taxa de desemprego aumentou em Portugal 42,9% (passou de 9,1% para 13%), mas na Grécia a taxa de desemprego subiu 226,2% (passou de 8,4% para 27,4%); a taxa de pessoas ameaçadas de pobreza e exclusão social subiu 10% em Portugal, mas na Grécia aumentou 27,2%, ou seja, 2,7 vezes mais; e a taxa de pessoas em situação de privação material severa aumentou, em Portugal, 10,4%, mas na Grécia subiu 87%.

Mas este quadro não ficaria completo se não se analisasse a quebra brutal verificada nos rendimentos das famílias. O quadro 2, construído também com dados oficiais do Eurostat, mostra o que se verificou em Portugal e na Grécia, mas também na Islândia, um país que resistiu à interferência da “troika”

**Quadro 2 – A Variação do rendimento médio equivalente em Portugal, na Grécia e na Islândia, no período 2010-2014**

ANOS	PORTUGAL Rendimento medio equiv alen te			GRÉCIA-Rendimento medio equivalente			ISLÂNDIA-Rendimento medio equivalente		
	Ensino básico	Secun- dário	Super- rior	Ensino básico	Secun- dário	Super- rior	Ensino básico	Secun- dário	Super- rior
2010	8.158 €	10.765 €	16.657 €	9.923 €	12.167 €	18.289 €	17.578 €	18.675 €	21.939 €
2011	7.868 €	10.251 €	16.327 €	8.888 €	11.019 €	15.961 €	18.501 €	19.385 €	22.147 €
2012	7.725 €	9.865 €	14.946 €	7.100 €	8.799 €	13.234 €	19.213 €	20.188 €	22.864 €
2013	7.447 €	9.580 €	14.908 €	6.077 €	7.979 €	11.633 €	20.798 €	22.388 €	24.086 €
2014				5.744 €	7.312 €	10.967 €			
2010-13-%	-8,7%	-11,0%	-10,5%	-38,8%	-34,4%	-36,4%	18,3%	19,9%	9,8%
2010-14-%				-42,10%	-39,90%	-40,00%			
2010-13-€	-711 €	-1.185 €	-1.749 €	-3.846 €	-4.188 €	-6.656 €	3.220 €	3.713 €	2.147 €
2010-14-€				-4.179 €	-4.855 €	-7.322 €			

FONTE: Eurostat

Entre 2010 e 2013, o rendimento médio equivalente por pessoa diminuiu em Portugal entre 8,7% e 10,5% segundo o nível do ensino, mas na Grécia a quebra variou entre 34,4% e 38,8%. Se análise foi feita para o período 2010-2014, a quebra no rendimento médio equivalente atinge, na Grécia, entre 39,9% e 42,1%. E é a uma sociedade assim devastada que as chamadas “instituições” (“troika”), Merkel e sócios querem impor mais cortes nas despesas públicas, nomeadamente pensões, e subidas de impostos. A Islândia, um país que recusou a “troika”, viu o seu rendimento médio equivalente aumentar, no período 2010-2013, entre 9,8% e 19,9%. Os comentários parecem desnecessários, mas estes números do próprio Eurostat merecem uma reflexão profunda sobre o que está acontecer nesta Europa que não serve as pessoas dominada por eurocratas e pela Alemanha que servem. **Um “NÃO” na Grécia é também um “NÃO” à política de austeridade que está a destruir a Europa e a sua alma, e que devastou Portugal**

**O BEM-ESTAR DOS ALEMÃES É CONSEGUIDO TAMBÉM À CUSTA DA RIQUEZA APROPRIADA AOS OUTROS PAÍSES, NOMEADAMENTE AOS MAIS FRACOS**

A situação de crise que vive a União Europeia e, nomeadamente, a zona euro, resulta também dos grandes desequilíbrios macroeconómicos que existem entre os diferentes países, de que é exemplo o desequilíbrio das contas externas (excedentes excessivos em alguns países e défices excessivos em outros), que o Tratado da União Europeia (artº 3º) e o Tratado sobre o Funcionamento da União Europeia (artº 119, 121 e 136º) dispõem que devem ser combatidos, através de abertura de “Procedimentos relativos aos Desequilíbrios Macroeconómicos (PDM), mas que não são feitos quando os beneficiados pelos desequilíbrios são países como a Alemanha.

O quadro 3, com dados do Eurostat, mostra um desses desequilíbrios que contribuiu para crise atual, e para as dificuldades que estão a enfrentar os países menos desenvolvidos da Zona Euro já que agravou os défices de países como a Grécia e Portugal

**Quadro 3 – Saldo das Balanças Comerciais da Alemanha, Grécia e Portugal no período 2005-2014**

ANOS	SALDO DA BALANÇA COMERCIAL - Milhões €		
	ALEMANHA (Saldos positivos)	GRECIA (Saldos negativos)	PORTUGAL (Saldos negativos)
2005	+117.189	-16.530	-14.437
2006	+126.681	-22.872	-13.799
2007	+168.177	-28.871	-13.336
2008	+153.481	-31.230	-17.351
2009	+120.376	-24.693	-12.106
2010	+133.963	-19.454	-13.495
2011	+129.557	-14.127	-7.575
2012	+162.244	-8.739	-842
2013	+162.950	-5.473	1.525
2014	+185.843	-4.119	865
<b>SOMA</b>	<b>+1.460.461</b>	<b>-176.108</b>	<b>-90.550</b>

FONTE: Eurostat

Entre 2005 e 2014, a Alemanha acumulou um enorme saldo positivo na sua Balança Comercial (+1.460.461 milhões €), enquanto a Grécia acumulou um elevado saldo negativo (-176.108 milhões €) e Portugal também (-90.550 milhões €). Quase metade do gigantesco saldo positivo da Alemanha foi conseguido através de transações comerciais dentro da zona euro, sendo a causa dos défices de outros países.

E isto porque o saldo positivo de um país é conseguido à custa dos saldos negativos de outros países. E como mostram os dados do quadro 3, entre 2005 e 2014, o saldo positivo da Balança Comercial da Alemanha, que já era gigantesco em 2005 (117.189 milhões €), aumentou 58,5% em 2014 (passou para 185.843 milhões €), agravando ainda mais os desequilíbrios dentro da União Europeia, e criando as condições que contribuíram para a crise que afeta toda a União Europeia e, de forma particular, Portugal e Grécia, se transforme numa crise que se tende a perpetuar se não forem tomadas medidas. E isto porque os excedentes que a Alemanha acumulava iam para os bancos alemães que depois emprestavam aos bancos portugueses, e estes concediam crédito às empresas e famílias portuguesas que o utilizam (uma parcela) para adquirir bens importados da Alemanha (carros, bens duradouros, equipamentos, etc.) criando-se assim um circuito (vaivém) de continuo e crescente endividamento que acabou por estourar, mas que os bancos alemães são também responsáveis, situação essa que agora esquecida, embora tenha também altamente beneficiado a Alemanha.

E apesar dos tratados da U.E. disporem que tais desequilíbrios devem ser corrigidos, mesmo assim a Comissão Europeia não levantou qualquer procedimento para os eliminar ou, pelo menos, para os atenuar, obrigando a Alemanha a ter uma política mais expansionista que promovesse o desenvolvimento equilibrado dentro do espaço europeu, e que não se aproveitasse a sua situação de superioridade para espoliar os outros países da União Europeia, nomeadamente os menos desenvolvidos e mais frágeis como Portugal e a Grécia. Mas não é só a nível do comércio que a Alemanha tem sido claramente beneficiada com a existência da U.E e, nomeadamente, com a zona do euro. Igualmente a nível de riqueza criada em outros países que é transferida para a Alemanha (de que esta se apropria), contribuindo para o elevado nível de vida dos alemães, a situação também merece uma séria reflexão, como mostram os dados do Eurostat constantes do quadro 4. E isto até para que num momento em que a chantagem sobre a Grécia e sobre o povo grego, impulsionada pela Alemanha, atingem níveis inadmissíveis esteja presente e não seja esquecido.

**Quadro 4 – Riqueza produzida (PIB) e riqueza disponível (PNB) na Alemanha, Grécia e Portugal – Período 1995-2014**

ANO	ALEMANHA - Milhões€			GRECIA - Milhões €			PORTUGAL- Milhões €		
	PIB	PNB	PNB-PIB	PIB	PNB	PNB-PIB	PIB	PNB	PNB-PIB
1995	1.924.710	1.922.736	<b>-1.974</b>	103.529	105.678	<b>2.149</b>	94.351	94.704	<b>353</b>
1996	1.964.650	1.958.669	<b>-5.981</b>	114.835	117.225	<b>2.390</b>	102.357	101.981	<b>-376</b>
1997	2.015.250	2.001.544	<b>-13.706</b>	125.688	128.188	<b>2.500</b>	111.385	110.805	<b>-581</b>
1998	2.061.810	2.044.413	<b>-17.397</b>	134.218	135.332	<b>1.114</b>	119.639	119.029	<b>-610</b>
1999	2.113.500	2.099.048	<b>-14.452</b>	141.732	142.291	<b>559</b>	128.466	126.019	<b>-2.447</b>
2000	2.176.810	2.157.979	<b>-18.831</b>	151.987	153.119	<b>1.132</b>	135.828	133.102	<b>-2.725</b>
2001	2.206.280	2.180.217	<b>-26.063</b>	162.274	162.906	<b>632</b>	142.631	140.137	<b>-2.494</b>
2002	2.217.050	2.198.493	<b>-18.557</b>	178.571	177.791	<b>-780</b>	146.158	144.324	<b>-1.834</b>
2003	2.267.580	2.284.712	<b>17.132</b>	193.013	191.957	<b>-1.056</b>	152.372	150.090	<b>-2.282</b>
2004	2.297.820	2.320.730	<b>22.910</b>	199.153	196.344	<b>-2.809</b>	158.653	156.209	<b>-2.443</b>
2005	2.390.200	2.435.124	<b>44.924</b>	217.831	213.046	<b>-4.786</b>	166.249	160.967	<b>-5.282</b>
2006	2.510.110	2.551.867	<b>41.757</b>	232.831	226.446	<b>-6.385</b>	175.468	169.874	<b>-5.594</b>
2007	2.558.020	2.589.361	<b>31.341</b>	242.096	234.472	<b>-7.624</b>	178.873	171.910	<b>-6.963</b>
2008	2.456.660	2.515.769	<b>59.109</b>	237.431	231.802	<b>-5.629</b>	175.448	169.024	<b>-6.424</b>
2009	2.576.220	2.630.399	<b>54.179</b>	226.210	219.976	<b>-6.234</b>	179.930	173.689	<b>-6.241</b>
2010	2.699.100	2.768.548	<b>69.448</b>	207.752	201.703	<b>-6.049</b>	176.167	172.518	<b>-3.648</b>
2011	2.749.900	2.822.208	<b>72.308</b>	194.204	195.766	<b>1.562</b>	169.668	164.713	<b>-4.955</b>
2012	2.809.480	2.881.862	<b>72.382</b>	182.438	182.270	<b>-168</b>	171.211	167.452	<b>-3.760</b>
2013	2.900.352	2.965.480	<b>65.128</b>	180.793	178.993	<b>-1.800</b>	174.699	170.826	<b>-3.874</b>
2014	2.984.207	3.048.438	<b>64.231</b>	186.967	183.667	<b>-3.300</b>	179.448	175.429	<b>-4.020</b>
2015	3.095.754	3.158.850	<b>63.096</b>	196.061	192.361	<b>-3.700</b>	185.267	181.068	<b>-4.199</b>

FONTE: Base de dados AMECO- Comissão Europeia

Antes de se analisar os dados do quadro 4 (os valores de 2015 são previsões da Comissão Europeia), recorde-se o seguinte, para que eles sejam compreensíveis,: o PIB é o valor da riqueza criada anualmente no país; o PNB é o valor da riqueza que o país tem ao seu dispor em cada ano. E quais são as conclusões que se tiram dos dados anteriores?

- Até 2002, o PNB alemão era inferior ao PIB alemão, o que significava que uma parcela da riqueza criada na Alemanha era transferida para o exterior indo beneficiar os habitantes de outros países.
- A partir da criação da Zona Euro em 2002, a situação inverte-se rapidamente: o PNB alemão passa a ser superior ao PIB alemão, portanto os alemães passaram a apropriar-se de riqueza de outros países. Só no período 2003-2015, a riqueza criada em outros países que foi transferida para Alemanha, indo beneficiar os seus habitantes, atingiu 677.945 milhões € (3,8 vezes o PIB português).
- Na Grécia e em Portugal aconteceu precisamente o contrário. Na Grécia até 2001, o PNB grego era superior ao PIB. No entanto, a partir de 2002, com a criação da Zona Euro, começa a verificar-se precisamente o contrário. Entre 2002-2015, a riqueza criada na Grécia que foi transferida para o exterior, indo beneficiar os habitantes de outros países, atinge 48.760 milhões €.
- Em Portugal aconteceu o mesmo mas logo após a entrada para a U.E. Em 1995, o PNB português, ou seja, a riqueza que o país dispôs nesse ano ainda era superior ao PIB, ou seja, à riqueza criada nesse ano em Portugal, em 353 milhões €. Mas a partir de 1996, o PIB passou a ser superior ao PNB, ou seja, uma parte crescente da riqueza criada em Portugal começou a ser transferida para o exterior indo beneficiar os habitantes de outros países. No período 1996-2015, o valor do PIB deste período (20 anos) é superior ao valor do PNB deste período em 70.751 milhões €, riqueza que foi transferida para outros países. Só no período da “troika” e do governo PSD/CDS a transferência líquida de riqueza para o exterior que foi beneficiar os habitantes de outros países atingiu 20.807 milhões €.

É evidente que um país altamente beneficiado com a transferência de parte da riqueza criada na Grécia e em Portugal para o exterior foi a Alemanha. Neste momento em que a chantagem sobre a Grécia tomou formas extremas é importante recordar este facto.

**Eugénio Rosa, [edr2@netcabo.pt](mailto:edr2@netcabo.pt) , 4-7-2015. Após o referendo a U.E. será diferente**